

COLUCCIO SALUTATI, A ELOQUÊNCIA E A DEFESA DA POESIA COMO VERDADE

COLUCCIO SALUTATI, ELOQUENCE, AND THE DEFENSE OF POETRY AS TRUTH

Raul Salvador Blasi Veyl

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Universidade de Vechta, Alemanha

Resumo

O presente trabalho busca analisar a relevância da poesia no pensamento de Coluccio Salutati, chanceler de Florença entre 1375 e 1406, destacando o modo como o autor concebeu a eloquência e a palavra como instrumentos de formação do homem e de consecução do projeto político e educacional do humanismo da renascença. Ao examinar suas missivas, sobretudo as cartas de 1374, 1378, 1398 e 1406, observa-se que Salutati associa a poesia ao acesso à verdade e à construção da virtude, em diálogo constante com a tradição clássica. A pesquisa ressalta que, no humanismo do Trecento e do Quattrocento, o poeta não se restringe ao papel de literato, mas assume função pública e pedagógica, difundindo ideais republicanos e educando cidadãos. A dualidade entre *res* e *verba*, central no pensamento do Chanceler, demonstra que a palavra não é mero ornamento, mas veículo do conhecimento. A poesia, ao lado da oratória, aparece como meio de mobilizar consciências, edificar a vida civil e recuperar a herança da antiguidade latina, configurando-se como eixo do projeto dos *studia humanitatis*. Assim, a defesa salutatiana da poesia articula gramática, estética, moral e política, reafirmando sua capacidade de transmitir saberes profundos e de transformar a realidade social, ao mesmo tempo em que projeta o poeta-humanista como artífice do mundo e modelo de virtude.

Palavras-chave

humanismo; poesia; Coluccio Salutati; eloquência; *res e verba*.

Abstract

The present study seeks to analyze the relevance of poetry in the thought of Coluccio Salutati, chancellor of Florence between 1375 and 1406, highlighting how the author conceived eloquence and the word as instruments for shaping man and for carrying out the political and educational project of Renaissance humanism. By examining his letters, especially those of 1374, 1378, 1398, and 1406, it becomes clear that Salutati associates poetry with access to truth and the cultivation of virtue, in constant dialogue with the classical tradition. The research emphasizes that, within the humanism of the Trecento and Quattrocento, the poet was not restricted to the role of a man of letters but assumed a public and pedagogical function, spreading republican ideals and educating citizens. The duality between *res* and *verba*, central to the Chancellor's thought, demonstrates that the word is not a mere ornament but a vehicle of knowledge. Poetry, alongside oratory, emerges as a means of mobilizing consciences, building civic life, and recovering the legacy of Latin antiquity, establishing itself as a cornerstone of the *studia humanitatis* project. Thus, Salutati's defense of poetry intertwines grammar, aesthetics, morality, and politics, reaffirming its capacity to transmit profound knowledge and transform social reality, while at the same time projecting the humanist poet as a craftsman of the world and a model of virtue..

Keywords

humanism; poetry; Coluccio Salutati; eloquence; *res and verba*.

Introdução

Coluccio Salutati, chanceler da República de Florença entre 1375 e 1406, foi um dos principais nomes do movimento humanista na Itália do Renascimento, tendo produzido uma série de escritos políticos, epístolas e textos filosóficos que marcaram a geração de pensadores contemporâneos ao autor e de seus sucessores¹. Eugênio Garin (1994, p. 7) qualifica o chanceler como o guia do gênio italiano após o falecimento de Petrarca e são particularmente a sua criatividade, a maleabilidade e a plasticidade do seu pensamento que chamam a atenção de autores como Nancy Struever (1979, p. 77), Ronald Witt (1969, p. 471) e Daniela de Rosa (2014, p. 40).

O escopo do presente trabalho é ler Salutati a partir das lentes da poesia e do seu próprio entendimento acerca do fazer poético, atribuindo à atividade o papel de chave de leitura para compreender o modo como o humanismo da renascença do *Trecento* e do início do *Quattrocento* lidavam com a produção do conhecimento e com a educação dos cidadãos. Apresentamos, então, uma reflexão a respeito da consistência do pensamento salutatiano acerca da poesia como forma de produção da verdade, sobretudo a partir da dualidade entre *res* e *verba* e da defesa da poesia abordada em missivas privadas do autor, mormente aquelas por ele endereçadas nas cartas de 1374, 1378, 1398 e 1406. Trata-se, então, de entender a maneira pela qual o Chanceler tangencia a defesa da discursividade do pensamento e dialoga com a antiguidade clássica na defesa da poesia.

O artigo, portanto, apresenta uma tentativa de traçar os caminhos necessários à leitura de Salutati como um autor que, de fato, defende a poesia como forma de educação e de produção de conhecimento, explicitando o modo como a poesia pode veicular a verdade, ainda que de

¹ Basta ver as referências a Salutati, por exemplo, nos diálogos (*Dialogi ad Petrum Paulum Histum*) escritos por Leonardo Bruni — seu sucessor na Chancelaria Florentina — ou mesmo o epitáfio feito por Poggio Bracciolini ao Chanceler. Stefano U. Baldassarri, Poggio Bracciolini and Coluccio Salutati: The Epitaph and the 1405-1406 Letters, pp. 71-87.

maneira menos direta ou evidente do que aquela verificada nos textos filosóficos. Em suma, apresentamos e analisamos o pensamento de Salutati a partir das lentes da poesia, as quais abrem margens para o que o homem do renascimento seja produtor do seu próprio mundo de forma criativa.

1. Traçando o problema: a poesia no humanismo da Renascença e o diálogo com o mundo helênico

Se é verdade que o humanismo do renascimento italiano é um movimento múltiplo, com diversas facetas voltadas para inúmeros ramos do saber, é também verdade que não se pode deixar de traçar as suas origens, ou mesmo a sua originalidade, sem que se leve em conta uma constante: a preocupação com a palavra.

Legatários de uma forte atenção à *ars dictaminis* medieval e às práticas de redação junto ao aparato administrativo das comunas, os primeiros humanistas aparecem no encontro entre “a retórica formal do *duecento* italiano e o estudo dos clássicos latinos” (KRISTELLER, 1962, p. 385). A partir da convicção de que a virtude do homem poderia ser promovida e alcançada com o auxílio da produção literária e da imitação, sobretudo, dos romanos, os humanistas passaram a reivindicar o lugar do homem no mundo e a reconhecer a possibilidade de, por meio da educação e dos *studia humanitatis*, materializar a herança romana de Florença e reviver as glórias narradas pelos oradores e filósofos da antiguidade.

Em carta endereçada a Paolo di Middelburg, Marsílio Ficino, no ano de 1492, deixa evidente o fato de que a retomada das então extintas artes liberais foi o que tornou possível a produção de conhecimento vivenciada pelos humanistas e, conseqüentemente, alçou o período histórico em que viviam ao chamado “século de ouro”.

Se, portanto, algum século deve ser chamado de áureo, é sem dúvida aquele que em toda parte produz inteligências (*ingenia*) de ouro. E ninguém duvidará que este nosso século seja tal, se quiser considerar as descobertas alcançadas nele. Pois este século, como que de ouro, trouxe novamente à luz as disciplinas liberais quase já extintas: a gramática, a poesia, a oratória, a pintura (à qual se juntam a escultura, a arquitetura, a música), e o antigo canto dos poemas à lira órfica. Em Florença. (FICINO, 1492, *in* FICINO, 1561, p. 944).

O humanismo do renascimento italiano, nesse sentido, quer retomar a experiência dos antigos para a formação de homens excelentes, e assim o faz por entender que a glória — moral, militar e civilizacional — pode ser alcançada por meio da *mimesis* dos antigos. Petrarca, em *De sui ipsius et multorum ignorantia*, reafirma que é o contato com os autores da antiguidade latina o responsável por inspirar os homens a se tornarem virtuosos.

No entanto, todo aquele que se tornou profundamente familiarizado com nossos autores latinos sabe que eles imprimem e cravam profundamente no coração as mais agudas e ardentes picadas do discurso, pelas quais os preguiçosos são sacudidos, os enfermos são estimulados, os sonolentos despertados, os doentes curados, os prostrados erguidos, e aqueles que se apegam ao chão elevados aos pensamentos mais elevados e ao desejo honesto. Então as coisas terrenas tornam-se vis; o aspecto do vício desperta um enorme ódio pela vida viciosa; a virtude e “a forma, e como era, o rosto da honestidade,” são contemplados pelo olho mais íntimo “e inspiram miraculoso amor” da sabedoria e de si mesmos, “como diz Platão.” (PETRARCA, *In* CASSIRER; KRISTELLER. RANDALL JR., 1948, p. 104)

A retomada da língua latina, como nos mostram Eugênio Garin (1986, p. 35) e Sérgio Cardoso (2017, p. 25), não significava apenas reaprender uma língua morta, mas, antes, dominar todo o arcabouço argumentativo, estilístico, toda a mentalidade e todo o espírito da antiguidade, capaz de fazer o clássico, redescoberto, tornar-se sangue e ação.

A palavra, nesse contexto, não é vista apenas como um signo ou como um receptáculo de conteúdo. Ela é o meio a partir do qual se desvela a experiência da sabedoria e da construção de uma realidade em que o homem é a expressão do mundo, artífice universal que pode, a um só tempo, reviver o passado e produzir o seu futuro em direção à excelência. Para os humanistas, a palavra — especialmente a falada, mas também a escrita — deve servir de ponte capaz de unir o aparente dilema entre *práxis* e *gnosis*, ou seja, entre conhecer e saber.

Não por acaso, comumente a forma encontrada para fazer reverência a grandes nomes do humanismo na renascença — em um período em que o próprio termo “humanismo” não existia — era predicá-los “poetas” ou “oradores” (GRAY, 1963, p. 500). O termo

“Poeta” significava antes “humanista”, ou seja, um componente do díptico *orator et poeta*, a qualificação com que os humanistas se ornavam para se distinguir das tradições escolásticas, e isso tanto no plano intelectual quanto no profissional (LAUREYS, 2011, p. 296).

A posição do *poeta* no humanismo do renascimento é, com efeito, não a de mero artista ou literato, mas de agente responsável por, através da palavra, educar os cidadãos em direção à verdade e ao agir virtuoso. Lauro Martines (2003, p. 237-240) nos lembra do fato de que, assim como os discursos políticos eram lidos nos espaços públicos das comunas, os poemas satíricos, propagandísticos e até mesmo épicos também ocupavam o espaço público, tanto de forma cantada quanto declamada nas Igrejas, ruas e praças. A tônica de cunho eminentemente humanista dava aos poemas a missão de explorar as origens romanas e republicanas de Florença, além de maldizer os principais inimigos da comuna e celebrar as conquistas militares da cidade.

É nesse sentido que a poesia ganha também um significativo papel na disseminação dos ideais humanistas, de modo que o domínio da língua e da retórica se fazia imprescindível como sinal de erudição e como condição efetiva e necessária para propagar o projeto político-educacional do humanismo, bem como para incutir nos cidadãos os ideais de virtude e de excelência por ele perquiridos.

Em 1370, Franco Sacchetti redigiu uma *canzone* insultando Bernabò Visconti — um dos principais inimigos de Florença, que, à época, mantinha-se em conflito constante com Milão — e o tom do poema reafirma não apenas o compromisso de Florença contra a tirania, mas também a defesa da liberdade.

*Crês tu, serpente maldita,
reinar vivendo só de sangue alheio,
sendo a todos carcoma peçonhenta?
És raiz maligna, planta desdita;
quanto mais te servem maior a tormenta.
Quem vive, sabe e dá razão ao meu enleio.
(...)
Não conheces, serpente, o Toscano:
dividido era, unido agora o viste.
E tu não subiste
Onde deixaste vossa esperança arcana,
quando faltaste à fé em Serezzana.
Aos que buscam justa fama
E zelam pela cara liberdade;
“como sabe quem por ela tanto renuncia”,
Canção, não te silencias
pois, se tal serpente agora não se desfaz,
não pense a Itália jamais repousar em paz².
(SACCHETTI, 1936, p. 140-142)*

As rimas de Sacchetti circularam por Florença no século XIV e expuseram o Senhor de Milão ao escárnio público, ao mesmo tempo em que reforçavam, na mentalidade de época, os anseios e as pretensões políticas do humanismo. A poesia, nesses termos, ultrapassa as fronteiras do mundo privado e alça seus voos no domínio público, seja por meio da

² Tradução nossa para: “Credi tu sempre, maladetta serpe, regnar vivendo pur de l'altru' sangue, essendo a tutti velenoso tarlo? Tu se' iniqua e maligna sterpe; chi piu ti serve piu doglioso langue. Chi vive il sa se vero è quel ch' io parlo! (...) 'tu non conosci il Tosco: diviso era chi è fatto unito; e tu non se' salito dove credesti a tua speranza vana, quando mancasti fede a Serezzana. A tutti que' che voglion giusta fama e tengon liberta che è tanto cara, "come sa chi per lei ita rifiuta", canzon, non istar muta: ché, se tal biscia or non si disface, non pensi Italia mai posar in pace”. SACCHETTI, Franco. 1936. *Il libro delle rime*. Ed. Alberto Chiari. Bari.

circulação dos escritos ou também por meio da oralidade — uma vez que grande parte dos poemas era também recitada ou cantada nas comunas da Itália (MARTINES, 2003, pp. 241-245).

É, pois, assim que o poeta e o orador compartilham a missão de tornar palpáveis a ética e a política no Renascimento, apresentando aos cidadãos *o que são* o bem, a virtude, a excelência, a verdade, sem deixarem de educá-los para que consigam perquirir, por eles mesmos, todos esses predicados. A linguagem, nesse projeto dos *studia humanitatis*, era arma aliada aos humanistas na tentativa de forjar o mundo a seu redor.

Devemos nos lembrar, noutro giro, que essa revitalização do poeta e do orador no humanismo da renascença não se deu sem contendas. Em verdade, a disputa pela figura do poeta e da poesia na política, na ética e na educação é um problema que remonta à antiguidade³. Platão assume, para a historiografia (VILLELA-PETIT, 2003, pp. 51-55), o papel de grande catalisador da reprovação dos poetas⁴, e suas posições na República acabam sendo objeto de críticas — como se verá adiante — pelos humanistas e, em especial, por Coluccio Salutati na defesa da poesia.

Mas é notadamente com a tradição romana de Virgílio e Ovídio que os humanistas dialogam a fim de trazer à lume a figura do poeta como chave de mudança da sociedade renascentista. Em carta datada de 27 de março de 1401, Coluccio Salutati escreve a Leon Giovanni de' Pierleoni a respeito do *perfectum poetam* e, para além de defender o poeta — que, para o Chanceler, era detentor de todos os conhecimentos necessários para o bem viver —, faz diversos elogios à figura de Virgílio.

³ Sobre a origem da disputa entre poesia e filosofia, sugerimos: VILLELA-PETIT, M. DA P. Platão e a poesia na República. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 44, n. 107, p. 51-71, jun. 2003.

⁴ O presente artigo não tem por escopo a análise do teor da crítica platônica sobre a poesia. Em verdade, entendemos que a posição do autor sobre o tema não é estanque e as críticas endereçadas à matéria, sobretudo no livro X da *República*, devem ser contrastadas com leituras dos diálogos menores e, também, com a própria imagem de Platão. Sobre a questão, sugerimos a leitura de: Duncan, Thomas Shearer. "Plato and Poetry." *The Classical Journal* 40, no. 8 (1945): 481-94. <http://www.jstor.org/stable/3292274>; COELHO, Maria Cecília Miranda Nogueira. Considerações sobre filosofia, retórica, imagem e verossimilhança em Platão. *Discurso*, São Paulo, Brasil, v. 41, n. 41, p. 185-222, 2011. DOI: [10.11606/issn.2318-8863.discurso.2011.68372](https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2011.68372). Disponível em: <https://revistas.usp.br/discurso/article/view/68372>. Acesso em: 12 ago. 2025.

Em mil lugares, caríssimo Leão João, encontrarás os poetas — sobretudo Virgílio — a inserir nos seus versos, de acordo com as leis, palavras e expressões extraídas dos segredos e institutos jurídicos, de modo que não julgues perfeito o poeta que, podendo ser compreendido, contudo não possa ser encontrado sem necessitar da ciência legal.

E, sendo a jurisprudência o conhecimento das coisas divinas e humanas, a ciência do justo e do injusto, quem negará que tudo isso pertença ao poeta? ⁵ (SALUTATI, 1896, p. 495)

A defesa de Salutati, inclusive, rememora as passagens do *De amicitia*, *Pro Archia*, *De Officiis* e, especialmente, do *De Oatore* de Cícero, em uma intrincada leitura dos textos do arpinate para justificar a posição central que o poeta possuía até mesmo na Roma Antiga. A leitura de Salutati dos textos de Cícero o permite afirmar, na missiva, que o poeta está lado a lado com o orador:

Pois, tendo ele dito acerca do orador: ‘e, na minha opinião, ninguém poderá ser um orador cumulado de todo o louvor, a não ser que tenha alcançado a ciência de todas as grandes coisas e artes’; e afinal desejando que o orador pudesse falar de tudo, o que provou com longa argumentação, disse por fim: ‘com efeito, o poeta é vizinho do orador, algo mais preso aos ritmos, porém mais livre na licença das palavras, e companheiro em muitos ornamentos, quase igual a ele.’ ⁶ (SALUTATI, 1896, p. 493)

⁵Tradução nossa para “*mille locis, carissime Leo Iohannes, poetas invenies precipueque Virgilium secundum leges carmina verbaque carminibus inseruisse ex legum abditis et institutis, ut non putes perfectum poetam qui cum possit intelligi, tamen nequeat inveniri, legali scientia non egere. cumque iuris prudentia sit divinarum atque humanarum rerum noticia, iusti atque iniusti scientia, quis negabit ad poetam hec omnia pertinere?*”

⁶ um enim de oratore dixisset: ac mea quidem sententia nemo poterit esse omni laude cumulatus orator, nisi erit omnium rerum magnarum atque artium scientiam consecutus; tandemque velit oratorem de omnire posse dicere, quam conclusionem longa disputatione probavit, post omnia dixit: est enim finitimus oratori poeta, numeris astrictior paulo, verborum autem licentia liberior multisque ornamentis socius ac pene par. in hoc quidem certe prope idem, nullis ut terminis circumscribat aut definiat ius suum, quo minus ei liceat eadem illa facultate et copia vagari qua velit.

Petrarca, da mesma forma, em seu discurso na ocasião de láurea com a Coroa de Louros, em 1341, faz diversas referências a Cícero, Virgílio, Lactânio e Macróbio a fim de atestar que os poetas, além de possuírem um dom divino (CÍCERO, 1923, VIII, 18), exibem o conhecimento de forma ainda mais excelente, porque “uma verdade que deve ser buscada com certo esforço dá muito mais prazer quando é descoberta” (PETRARCA *In* WILKINS, 1955, p. 307).

Como se vê, a despeito das críticas à poesia, o humanismo do Trecento e do início do *Quattrocento* estava embebido em uma concepção de poesia que não se limitava à classificação estilística do texto e dos seus ornamentos. A poesia poderia, sim, transmitir a verdade, ainda que sob uma forma distinta daquela do discurso do orador ou dos textos dos filósofos. É nesses termos que o poeta aparece como fonte de conhecimento e como figura significativa para o projeto educacional do humanismo. Mais do que retomar, por meio da poesia, a antiguidade clássica e latina, o humanismo do século XIV e do início do século XV se utiliza dos *exempla* romanos para justificar uma maneira distinta de produção de conhecimento para além daquela disseminada pela escolástica.

A imagem do poeta, para autores como Petrarca e Salutati, confunde-se, em alguma medida, com a imagem do *orador*, mormente porque o *perfectum poetam* também deve deter o conhecimento sobre o qual se expressa, manejando, com fluidez, sabedoria e elegância, os preceitos da retórica, da gramática e da filologia. A passagem rememorada pelos humanistas era, com frequência, a do *De Oratore*, em que Cícero vai dizer que

Com efeito, o que quer que se submete a algum tipo de mensuração dos ouvidos [i.e. métrica], ainda que se afaste muito do verso – ele decerto é, pois, um defeito na prosa – chama-se ritmo [numerus], o que em grego se diz *rhythμός*. Por isso, vejo que, para alguns, pareceu-lhes que, mesmo distante do verso, porque o discurso de Platão e Demócrito se conduza de modo mais animado e sirva-se das mais brilhantes figuras de palavras, deveria ser considerado mais poema do que os dos poetas

cômicos, em que, exceto porque são versinhos, não há nada de diferente da conversa cotidiana. Isso [i.e., a versificação], porém, não é o mais importante de um poeta. Embora seja tão mais louvável o [poeta] que persegue as virtudes do orador, mesmo quando está mais limitado pelo verso. (CÍCERO, *Orator.*, 65-68 In SCHIAVINATO, 2013, p. 52).

Com efeito, se é verdade que Cícero defende a existência de uma série de diferenças entre o poeta e o orador, elencando o último como superior ao primeiro⁷, é também verdade que, para o humanismo da renascença, em especial no *Trecento* e no início do *Quattrocento*, o poeta passou a ser reconhecido como um dos principais exemplos de excelência. A nova pujança do poeta e do orador na sociedade imaginada pelos humanistas e a crença na possibilidade de se edificar o homem virtuoso por meio, também, da poesia ganharam força no diálogo que eles — o poeta e o orador — desenvolveram com a antiguidade clássica. Coluccio Salutati, como será possível perceber a partir da próxima seção, esteve ciente da importância do poeta para o humanismo e, bem por isso, vai tecer uma série de considerações acerca da poesia e do poeta no contexto dos *studia humanitatis*, inclusive no que tange à verdade e à produção de conhecimento.

2. Coluccio Salutati, poesia e verdade: as missivas salutatianas

Pouco tempo depois do falecimento de Petrarca, Salutati redige, em 16 de agosto de 1374, uma carta a Roberto de Battifolle louvando o poeta e rememorando as suas principais conquistas, bem como suas virtudes. O Chanceler, ainda, no curso da missiva, traz à tona algumas de suas

⁷ “Tanto na poesia quanto na prosa, o “som e os ritmos” (sonus et numerus)³⁶ modelam e orientam os conteúdos, ou seja, proporcionam aos assuntos certa expressividade, no entanto, cada expressão sonora e rítmica deverá adequar-se ao gênero do discurso: afirma-se, em Orator 17, que, entre os poetas, os conteúdos deverão submeter-se aos ornamentos da expressão, enquanto que, entre os oradores, dar-se-á o contrário, i. e., os ornamentos é que deverão ser convenientes aos conteúdos tratados, gerando assim, em cada caso particular, uma confluência pertinente entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, referente ao gênero que lhe é próprio” (In SCHIAVINATO, 2013, p. 52).

considerações acerca da eloquência e da poesia, a fim de evidenciar as razões pelas quais Petrarca teria superado, em excelência, até mesmo autores como Cícero e Virgílio.

De início, Salutati afirma a seu interlocutor o fato de que eloquência e retórica andam lado a lado, asseverando que não há nada maior do que a habilidade de movimentar as almas, inclinar os juízos e conduzir os ouvintes aos caminhos desejados pelo orador (SALUTATI, 1891, p. 179). A retórica, mediada pela razão, guia as paixões do homem e orienta aqueles que, corrompidos pelos maus costumes e pela rudeza dos demais, afasta-se das virtudes e da excelência (SALUTATI, 1891, p. 180).

A eloquência, inclusive, mostra-se como arma voltada àqueles chamados “modernos sofistas” (*moderni sophiste*), que “com vã ostentação, com jactância vazia e tagarelice insolente”⁸ (SALUTATI, 1891, p. 179) admiram uma filosofia reputada falsa pelo Chanceler, em detrimento daquela verdadeira sabedoria, “que cultiva os costumes, edifica as virtudes, purifica as manchas dos vícios, esclarece a verdade de todas as coisas, deixando de lado as ambiguidades das disputas”⁹ (SALUTATI, 1891, p. 179).

A eloquência, portanto, era fonte verdadeira de conhecimento, excelente e capaz de provocar nos ânimos dos demais homens a mudança em direção à virtude. Era por meio dela que Salutati antevia a possibilidade de edificar eticamente os cidadãos da comunidade política e, mais do que isso, de alcançar o verdadeiro conhecimento.

Mas Salutati não enxergava apenas na oratória o espaço para a eloquência. O Chanceler, na missiva, reconhece um outro viés do fazer discursivo em que tal predicado poderia aparecer: uma eloquência “que progride vinculada à medida dos pés e à regra do verso” (SALUTATI, 1891, p. 181). Na poesia, Petrarca não teria encontrado, nem mesmo diante dos mestres da antiguidade, homens à sua altura, o que, inclusive, tornava-o maior que Cícero, Sêneca e até mesmo Virgílio.

⁸ *quam moderni sophiste ventosa iactatione inani et impudente garrulitate mirantur in scolis.*

⁹ *que animos excolit, virtutes edificat, vitiorum sordes eluit, rerumque omnium, omissis disputationum ambagibus, veritatem elucidat.*

Mas nós temos alguém que podemos não apenas opor, mas até mesmo preferir tanto à Antiguidade como à própria Grécia: esse único Francesco Petrarca, cujo nome, a meu ver, jamais será apagado pelo esquecimento, e que a natureza parece ter produzido como a nenhum outro, como atesta Sêneca, pois, se até agora a eloquência não se tinha manifestado plenamente em ninguém, houve todavia um em que ela mostrou todos os seus nervos. Este Petrarca, digo, que rivalizou com o divino Virgílio e com os poetas gregos, aos quais, como vencedor, igualou-se na poesia; que se pode também opor a Cícero e a Demóstenes, quer na livre regulação dos metros e ritmos, quer na prosa oratória, e que até mesmo se pode antepor a Sêneca nos assuntos morais¹⁰. (SALUTATI, 1891, p. 182-183).

O chanceler, como se pode observar, vislumbra em Petrarca a figura do poeta e do orador perfeito, capaz de dominar a arte da eloquência, assim como da ética, da retórica e da gramática. Mais do que simplesmente louvar os feitos de Petrarca, Salutati quer evidenciar o que faz um homem excelente, trazendo à tona a imagem do poeta e do orador lado a lado para fins de qualificação e comparação de seus grandes heróis. Petrarca aloca-se junto dos grandes nomes da antiguidade clássica não apenas pelos estudos de retórica e pela forma como manejou o fazer discursivo por meio da eloquência, mas, antes, porque foi o único capaz de, a um só tempo, fazer tudo isso e ainda superar todos os seus antecessores na poesia.

E se a eloquência é capaz, também, de se consubstanciar no verso e no ritmo, a poesia é, outrossim, forma de produção de conhecimento válido, pensado *a partir de* e *para* o homem. Na missiva de 1374, Salutati aloca a eloquência como predicado exclusivo do homem e, como já mencionado, percebe-a como expediente apto a provocar o agir ético do homem, orientando-o à virtude. Nesse momento, é imprescindível que se reconheça que a razão do homem provoca os seus iguais mutuamente. É por meio do próprio agir humano que os homens podem se orientar em direção à excelência.

¹⁰ *nos autem habemus quem possimus et antiquitati et ipsi Grecie, non dicam obicere, sed preferre: unum hunc Franciscum Petrarcam, cuius, ut arbitror, nomen ulla unquam delebit oblivio et quem natura produxisse videtur, ut cum nulli, ceu testatur Seneca, se tota eloquentia hactenus indulisset esset tamen unus aliquando, in quo pcr omnes nervos eloquentia se monstraret. hun Petrarcam, inquam, et divino illo.*

Tudo isso é realizado pela eloquência; e quero que consideres o seguinte: como o homem foi gerado por causa dos homens, e Deus pôs a razão à frente do apetite de cada um, para que, do alto da mente como guia e moderadora, regulasse os turbulentos movimentos do ânimo, foi-lhe ainda concedida a eloquência — que não compartilha com nenhum dos animais —, a fim de que tivesse por meio dela como despertar, pelo fogo da caridade mútua, a razão de seu próximo, adormecida pelos maus costumes ou pelo peso de um corpo grosseiro, e para que, tanto quanto a natureza falhasse em alguém ou o hábito torpe tivesse corrompido, a eloquência edificasse e restaurasse no próximo¹¹. (SALUTATI, 1891, p. 179-180).

E Salutati, com efeito, por meio da eloquência, convoca “o homem desde a imediatez dos sentidos, ela o impele à árdua tarefa da humanização do mundo” (DI CESARE *In* MOJSISCH e PLUTA, 2012, p. 207), o que pode ser feito, também, com a poesia e não apenas com a oratória ou os textos em prosa.

É interessante notar que semelhante raciocínio pode ser encontrado em carta de 1378, endereçada ao chanceler de Bologna Giuliano Zonarini, por meio da qual Salutati, respondendo às críticas de seu amigo aos poetas, afasta a incompatibilidade entre poesia e religião, além de ressaltar o caráter edificante da leitura dos poetas para a formação do homem. Na passagem, o Chanceler de Florença deixa evidente que não lê Virgílio com o intuito de apreender e propagar as considerações sobre os Deuses pagãos, mas, antes, com a intenção de absorver o gênio de poeta expresso na forma da palavra, na suavidade do estilo e na profundidade do conteúdo extraído da mais elevada filosofia.

¹¹ *hec omnia una perficit eloquentia; in quo illud volo consideres, quod cum hominum causa homo sit genitus, et cuiuslibet hominis appetitui Deus prefecerit rationem, que dux et moderatrix de summa mentis arce turbidos motus animi regularet, eidem insuper eloquentiam indultam, quam cum nullo animalium susceperit homo communem, ut haberet quis quo proximi sui sopitam seu depravatis moribus seu crassioris corporis onere rationem mutue caritatis ignibus excitaret, et quantum in uno vel natura deficeret vel consuetudo turpis corrupisset eloquentia proximi edificaret et redderet.*

Não pensarás certamente que eu alguma vez tenha lido Virgílio porque julgava dever compartilhar aquilo que fabulava sobre os deuses gentios; de Virgílio, ao contrário, aprecio o estilo, que ninguém, nos versos, jamais até agora igualou, nem creio que com as forças humanas se possam alcançar a sua profundidade e doçura. Admiro da sua linguagem a solenidade, o uso apropriado dos termos, a elegância dos versos, a clareza da expressão, a beleza da composição e enfim as palavras que se unem entre si com vínculos suavíssimos; admiro a profundidade das sentenças e dos conceitos hauridos dos meandros mais altos da filosofia e das zonas mais escondidas das antigas disciplinas. (...) Talvez em outro tempo fosse útil que os cristãos, no meio dos quais viviam os pagãos, se mantivessem afastados do estudo dos poetas; Talvez tenha sido em algum tempo útil afastar os cristãos, que viviam entre os gentios, do estudo dos poetas; mas, depois que tal peste foi derrubada, que mal há em ler os poetas sagrados, os quais, se podem ser úteis com preceitos morais de vida, de modo algum podem espalhar venenos que destruam a verdadeira fé, pelos quais deixemos de adorar humildemente o nosso Criador?¹² (SALUTATI, 1871, p. 301).

Com efeito, a poesia é capaz de transmitir conhecimento da filosofia de forma elegante, bela e profunda. Tanto é assim que, em resposta à qualificação de Virgílio como “*vatem mentificum*” (em tradução livre, poeta que faz mentir), Salutati, de forma tenaz, prefere interpretar o vocábulo apresentado por Zonarini como aquele que “edifica a mente” (*mentem facientem*), tendo em vista que o poeta pode conduzir os seus leitores, por uma ordenação admirável, ao conhecimento. De forma alegórica, Salutati

¹² *Non putes me sic unquam legisse Virgilium quod que de diis gentilium fabulabatur duxerim amplectenda, sed placet michi stilus, quem hactenus nemo versibus adequavit, nec putem posse ad eius altitudinem atque dulcedinem humanis viribus pervenire. Miror sermonis sui maiestatem, proprietatem vocabulorum, concinnitatem versuum, planitudinem orationis, compositionis venustatem et denique verba coniugatione melliflua maritata; miror profunditatem sententiarum et ex altissimis philosophie recessibus ac ex veterum disciplinarum abditis sensus exhaustos. (...) quibus infanda illa superstitionum cecitas effervebat, et vero Deo, Christo domino nostro, gloriam reliquerunt. Forte fuit aliquando utile christianos, inter quos gentiles morabantur, a poetarum studio detertere; sed postquam pestis illa deiecta est, quid nocet sacros legisse poetas, qui si prodesse valent moralibus vite preceptis, nulla tamen possunt in diruitionem vere fidei venena spargere per que desinamus creatorem nostrum humiliter adorare?*

diz, ao final da missiva, que o poeta direciona e propicia o encontro do leitor com um fruto cuja casca aparece bela entre as flores, de suave odor, e que, em seu interior, guarda verdadeiro alimento para a mente e a inteligência (*Que qui altius perscrutari voluerit, inveniet apud auctorem illum non solum in cortice venustatem et inter flores suavitatem odoris, sed in medulla talem cibum, quod merito poterit dicere per eum mente et intelligentia profecisse*; SALUTATI, 1891, p. 307).

Salutati, aqui, dá início, ainda que de forma sutil, a temas que serão aprofundados nas cartas de 1398 e de 1406, notadamente na discussão sobre *res* e *verba*¹³. O Chanceler estava ciente da contraposição estabelecida desde os tempos de Cícero sobre a atenção que se deve dar à palavra e sua relação com as coisas. Em verdade, o projeto de Renascimento — que envolvia, em seu âmago, também promover a tradução dos textos clássicos — trouxe à tona uma nova formulação da comparação entre *res* e *verba* que colocava o humanismo em contraponto à tradição escolástica de tradução, especialmente a partir da chegada de Chrisoloras a Florença¹⁴.

¹³ Não será possível fazer uma leitura aprofundada do problema relativo à contraposição *res* e *verba*, que remonta aos textos da antiguidade clássica, especialmente de Cícero e de Quintiliano. Sugerimos, contudo, a leitura de: Howell, A. C. “Res et Verba: Words and Things.” *ELH*, vol. 13, no. 2, 1946, pp. 131–42. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/2871594>. Accessed 30 Sept. 2025.; McLaughlin, Martin L. *Literary Imitation in the Italian Renaissance: The Theory and Practice of Literary Imitation in Italy from Dante to Bembo*. Oxford: Clarendon Press, 1995; Reiff, Arno. *Interpretatio, imitatio, aemulatio. Begriff und Vorstellung literarischer Abhängigkeit bei den Römern*. Würzburg: Triltsch, 1959.

¹⁴ Também não nos cabe, aqui, adentrar em profundidade nas questões relativas à tradução no Renascimento. Para tanto, recomendamos: FURLAN, Mauri. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente - III. Final da Idade Média e Renascimento. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 1, n. 13, p. 9–25, 2004. DOI: 10.5007/1984-6460.2004.13.9-25. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6229>. Acesso em: 28 ago. 2025; Burke, Peter, ‘Cultures of Translation in Early Modern Europe’, in *Cultural Translation in Early Modern Europe*, ed. by Peter Burke and R. Po-chia Hsia (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), pp. 7–38; Taylor, Andrew. “Introduction: The Translations of Renaissance Latin.” *Canadian Review of Comparative Literature / Revue Canadienne de Littérature Comparée*, vol. 41 no. 4, 2014, p. 329–353. Project MUSE, <https://dx.doi.org/10.1353/crc.2014.0041>.

Os *studia humanitatis*, notadamente a partir de Petrarca, trazem à tona a ideia de que é necessário entender o conteúdo, a coisa, a *res*, para que o texto não apenas seja uma transposição simples de palavras, mas consiga captar a essência do significado da língua primeva. É nesse sentido, portanto, que deve ser lida a passagem da missiva de 1378 sobre o dever do poeta. As palavras traduzem, sim, as ideias veiculadas no texto e é por meio delas que se pode alcançar um conteúdo efetivamente capaz de orientar a vida do homem em sociedade. O papel do tradutor, do poeta e do orador deve ser o de se atentar às coisas e de transmiti-las, por meio da palavra, de forma adequada, viva, aprazível e inteligível aos interlocutores.

A crença humanista na viabilidade da tradução repousa na convicção de que as palavras habitam um reino de imanência empírica. Elas são realidades palpáveis, agonisticamente e graficamente plenas, carregadas tanto de energia sonora quanto visual. (...) As palavras simplesmente não são cifras que garantem alguma essência universal predeterminada. Elas manipulam a realidade em vez de circunscrevê-la. (NORTON, 1981, p. 175-176)

Em carta endereçada a Antonio Loschi de 1392, Salutati já defendia a necessidade de um olhar acurado à *res* quando da tradução:

Quero que consideres as coisas, não as palavras; estas debes exaltar e ornar, e tanto com palavras próprias como com palavras novas acrescentar brilhos e tal esplendor de vocábulos, que não só pela invenção, nem apenas pelas sentenças, mas também pelas palavras, mostres e faças soar aquilo homérico que todos pensamos¹⁵. (SALUTATI, 1893, p. 357)

¹⁵ *res velim, non verba consideres; illas oportet extolles et ornas et tum propriis, tum novatis verbis comas talemque vocabulorum splendorem adicias, quod non Inventionem solum, nonque sententiis, sed verbis etiam Homericum illud, quod omnes cogitamus, exhibeas atque sones.*

Destarte, não se poderia, na visão de Salutati, simplesmente descreditar o papel dos poetas pela ornamentação do discurso ou pela forma nebulosa com que as verdades eram apresentadas. É, precípuamente, a crença na força das palavras, bem como na necessidade de transmissão do conteúdo dos signos por meio do texto, que faz com que o Chanceler de Florença acredite no papel dos poetas e os defenda como verdadeiros artífices da realidade, fonte de conhecimento e figuras necessárias ao desenvolvimento das virtudes nos homens.

Na missiva de 1398 a Pellegrino Zambecari, Salutati retoma a questão do ornamento do discurso na poesia e reputa a atividade de promover a elegância da palavra como derivada da vontade que se espelha na necessidade divina. É, pois, a partir da imagem que se tem do discurso poético e belo das escrituras que o fazer discursivo humano encontra a possibilidade de traduzir a verdade por meio do ornamento. A utilização de linguagem figurada para as coisas do mundo, embora não seja uma necessidade, é mais aprazível e mais próxima da expressão da divindade, o que justifica a defesa do estilo poético para a representação da verdade.

Pois assim como nas coisas divinas, que estão acima de nós e fora do poder de nossa inteligência, mas muito mais aptas para significar, porque entendemos mais do que podemos exprimir, fomos levados por necessidade a discursos figurados; assim também nas coisas humanas agradou que recebêssemos dessas que, para a expressão da divindade, tomamos emprestada certa elegância de ornamento, e o que para nós foi necessidade nas divinas, nas humanas fizemos por vontade. Assim como naquela a verdade procedeu da verdade, assim também nesta não somente da verdade, mas da ficção e invenções humanas a própria verdade surge, e como luz brilha nas trevas e procede imaculada das falsidades escondidas¹⁶. (SALUTATI, 1896, p. 293)

¹⁶ *sicut enim in divinis, que supra nos sunt et ab intelligentie nostre potestate remota, sed longe magis a signifi candi facultate, quoniam plus intelligimus quam efferre possimus, in figuratos sermones necessitate profecti sumus; sic et in humanis placuit ab his que pro divinitatis expressione recepimus ornandi quandam elegantiam mutuari, et quod nobis in divinis necessitas fuit, in humanis fecimus voluntatem. ut sicut in illa veritas ex veritate processit, sic*

Ora, não se pode negar que o poeta deve conhecer as coisas de que fala, de modo que o *verdadeiro* poeta não é aquele que procede à simples verborragia ou que produz poemas destituídos de conteúdo. A poesia deve ser produzida por aqueles que detêm o conhecimento das coisas e que podem, por meio da erudição retórica, gramatical e estilística, veicular a verdade e o real significado das coisas. É nesse sentido que Salutati, em carta de 1406 remetida a Giovanni Dominici, deixa evidente a insuficiência da simples gramática e reconhece a interligação dos conhecimentos mundano e espiritual para a construção da poesia.

Assim, a gramática não pode ser perfeita sem o estudo dos metros e ritmos, para saber o que deve ser dito; nem deve ignorar a razão dos astros o poeta, que tantas vezes usa os seus nascimentos e ocasiões de sinais para indicar os tempos; nem pode ser ignorante em filosofia, já que em quase todos os poemas se encontram passagens retiradas das questões mais profundas da filosofia natural, seja por causa de Empédocles entre os gregos, seja de Varrão e Lucrecio entre os latinos, que transmitiram doutrinas de sabedoria em versos¹⁷. (SALUTATI, 1905, p. 222).

Seja, pois, por meio do conhecimento das coisas, ou, ainda, pela intrincada relação entre *res* e *verba* no pensamento de Salutati, a poesia aparece como forma de acesso à verdade. A defesa que Salutati faz dos poetas deve ser entendida como uma *ode* à imaginação, à inventividade e às artes liberais, que propiciam um conhecimento efetivo — ainda que não óbvio ou direto — da realidade do mundo que cercava os humanistas. As considerações feitas sobre o papel de Cícero e de Virgílio nos estudos da poesia não podem ser vistas como simples tentativas de defesa dos poetas e mestres da antiguidade, mas como um exemplo da forma como o

in ista non ex veritatibus solum, sed ex fictis et humanis inventis ipsa veritas oriatur, et quasi lux in tenebris lucens et ex falsitatum abditis immaculata procedat.

¹⁷ *tum neque citra musicen grammatica potest esse perfecta, cum ei de metris rhythmisque dicendum sit; nec si rationem siderum ignoret, poetas intelligat, qui, ut alia mittam, totiens ortu occasuque signorum in declarandis temporibus utantur: nec ignara philosophie, tum propter plurimos in omnibus ferme carminibus locos ex intima naturalium questionum subtilitate repetitos, tum vel propter Empedoclea in Grecis, Varronem ac Lucretium in Latinis, qui precepta sapientie versibus ediderunt.*

humanismo, sobretudo o do *Trecento* e do início do *Quattrocento*, valorizava a poesia como meio de obter a verdade e de edificar o homem em direção à virtude.

Considerações finais

A leitura das cartas de Salutati em conjunto com o contexto em que os *studia humanitatis* se desenvolveram torna evidente a centralidade da poesia para a formação da virtude e para o acesso ao verdadeiro conhecimento. A palavra — oral e escrita — tornou-se instrumento fundamental para o projeto político e educacional do homem, sobretudo a partir da recuperação da tradição latina e do diálogo com os modelos greco-romanos de eloquência e poesia. De forma concreta, os humanistas atribuíram ao poeta e ao orador, porquanto artífices do mundo e dominadores da eloquência, o difícil dever de se tornarem modelos aos cidadãos virtuosos.

Nas missivas de Salutati, a poesia aparece não apenas como ornamento estilístico, mas como meio de transmitir conteúdos profundos, conciliando *res* e *verba* — isto é, a essência das coisas e sua expressão. Concordamos, aqui, com as considerações de Donatella di Cesare (*In* MOJSISCH e PLUTA, 2012, p. 207), para quem:

Do alto de sua engenhosidade, o poeta, mensageiro das Musas, sabe abrir um primeiro hipotético ordenamento, sabe fundar um novo kósmos. Sua atividade consiste em entrever semelhanças ainda não emergidas, em trazer à luz uma identidade ainda obscura, sem, contudo, ocultar as diferenças. É assim que, dando forma à realidade, ele pode irromper nela como sujeito.

Dessa primeira e imprescindível atividade formadora — que, longe de ser jogo e divertimento, provém antes do esforço e do sofrimento sempre presentes na criatividade humana — deriva toda outra atividade. Dali provém o primado concedido à poesia sobre a filosofia ou sobre a ciência. Não só o poeta tem o privilégio de um acesso imediato à veritas, a uma primeira interpretação originária da realidade, como, além disso, a filosofia, a ciência e toda forma possível de conhecimento estão

indissoluvelmente enraizadas nessa interpretação a ponto de parecerem, por assim dizer, secundárias face à primazia da poesia.

Com efeito, o poeta-humanista pensado por Salutati não se restringe ao papel de literato, mas assume função pública e pedagógica: seus versos circulam em praças e igrejas, satirizam inimigos políticos, celebram conquistas e incutem nos cidadãos ideais de liberdade e virtude. Essa concepção rompe com a visão negativa herdada de Platão e aproxima-se da tradição de Cícero, Virgílio e Ovídio, responsável por fornecer ao humanismo o instrumental teórico necessário ao entendimento da poesia como fonte de conhecimento e motor de transformação social.

Não podemos perder de vista, ademais, o fato de que as cartas privadas de Salutati apontam para uma consistência na defesa da poesia feita pelo Chanceler ao longo de sua vida. Muito embora haja uma diferenciação entre a forma como o autor trabalha a correlação entre a poesia e a religião ao longo dos seus escritos — como já nos aponta, por exemplo, a obra magistral de Ronald Witt intitulada *Hercules at the Crossroads* (1983) —, não se pode perder de vista que Salutati mantém sua posição quanto ao fato de que os poetas podem, sim, acessar e transmitir um conhecimento verdadeiro das coisas, orientando o agir humano em vista da excelência e do desenvolvimento das virtudes.

Para Salutati, o poeta é aquele que ilumina o céu escuro com estrelas. É também aquele que dá ao homem acesso ao fruto do conhecimento, belo e aprazível. O poeta é fonte de conhecimento e a poesia é o produto mais nobre do homem como artífice do mundo. Ao mesmo tempo, poesia e poeta se conformam em uma realidade produzida pela palavra, na árdua missão de estabelecer a harmonia entre a *res* e a *verba*. O conhecimento, a verdade e a poesia andam lado a lado nos *studia humanitatis* e devem ser entendidos como engrenagens de um motor capaz de educar o homem em direção à sua melhor versão, à virtude e à excelência.

Referências

BURKE, Peter. Cultures of Translation in Early Modern Europe. In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (ed.). *Cultural Translation in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 7–38.

CARDOSO, S. Sobre a civilização do renascimento. In: PINTO, F. M.; BENEVENUTO, F. (org.). *Filosofia, política e cosmologia: ensaios sobre o renascimento* [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2017. p. 15-32. ISBN 978-85-68576-93-9.

CASSIRER, Ernst; KRISTELLER, Paul Oskar; RANDALL JR., John Herman (Ed.). *The Renaissance Philosophy of Man*. Chicago: The University of Chicago Press, 1948.

CICERO, M. T. Pro Archia. Post Reditum in Senatu. Post Reditum ad Quirites. De Domo Sua. De Haruspicum Responsis. Pro Plancio. Trad. WATTS, N. H. Loeb Classical Library 158. Cambridge: Harvard University Press, 1923.

COELHO, Maria Cecília Miranda Nogueira. Considerações sobre filosofia, retórica, imagem e verossimilhança em Platão. *Discurso*, São Paulo, v. 41, n. 41, p. 185–222, 2011. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.2011.68372. Disponível em: <https://revistas.usp.br/discurso/article/view/68372>. Acesso em: 12 ago. 2025.

DE ROSA, Daniela. *Coluccio Salutati: il cancelliere e il pensatore politico*. Roma: Aracne Editrice, 2014.

DI CESARE, Donatella. La poesia come poesis politica in Coluccio Salutati. In: MOJSISCH, Burkhard; PLUTA, Olaf (ed.). *Historia Philosophiae Medii Aevi: Studien zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters. Festschrift für Kurt Flasch zu seinem 60. Geburtstag*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992. p. 193-210. DOI: <https://doi.org/10.1075/zg.142.13>.

DUNCAN, Thomas Shearer. Plato and Poetry. *The Classical Journal*, v. 40, n. 8, p. 481–494, 1945. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3292274>.

FICINO, Marsilio. *Opera omnia*. Basileae: Per Henricum Petri, 1561. v. 1.

FURLAN, Mauri. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente - III. Final da Idade Média e Renascimento. *Cadernos de Tradução*, v. 1, n. 13, p. 9–25, 2004. DOI: 10.5007/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6229>. Acesso em: 28 ago. 2025.

GARIN, Eugenio. *El renascimento italiano*. Trad. Antoni Vicens. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 1986.

GARIN, Eugenio. *La cultura filosofica del Rinascimento italiano*. Milano: Bompiani, 1994.

GRAY, Hanna H. Renaissance Humanism: The Pursuit of Eloquence. *Journal of the History of Ideas*, v. 24, n. 4, p. 497–514, 1963. DOI: <https://doi.org/10.2307/2707980>.

HOWELL, A. C. Res et Verba: Words and Things. *ELH*, v. 13, n. 2, p. 131–142, 1946. DOI: <https://doi.org/10.2307/2871594>.

KRISTELLER, Paul Oskar. Umanesimo Filosofico e Umanesimo Letterario. *Lettere Italiane*, v. 14, n. 4, p. 381–394, 1962. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/26248100>.

LAUREYS, Marc. La poesia latina di Coluccio Salutati. In: BIANCA, Concetta (ed.). *Coluccio Salutati e l'invenzione dell'Umanesimo. Atti del convegno internazionale di studi (Firenze, 29–31 ottobre 2008)*. Roma: [s.n.], 2010. p. 295–314.

MARTINES, Lauro. *Strong Words: Writing and Social Strain in the Italian Renaissance*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.

McLAUGHLIN, Martin L. *Literary Imitation in the Italian Renaissance: The Theory and Practice of Literary Imitation in Italy from Dante to Bembo*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

REIFF, Arno. *Interpretatio, imitatio, aemulatio. Begriff und Vorstellung literarischer Abhängigkeit bei den Römern*. Würzburg: Triltsch, 1959.

SACCHETTI, Franco. *Il libro delle rime*. Org. A. Chiari. Bari: Laterza, 1936.

SCHIAVINATO, Daiane Grazielle. *Orator de Cícero: tradução e estudo de fragmentos de uma poética clássica*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, 2013.

STRUEVER, Nancy. *The Language of History in the Renaissance: Rhetoric and Historical Consciousness in Florentine Humanism*. Princeton: Princeton University Press, 1970.

TAYLOR, Andrew. Introduction: The Translations of Renaissance Latin. *Canadian Review of Comparative Literature / Revue Canadienne de Littérature Comparée*, v. 41, n. 4, p. 329-353, 2014. DOI: <https://dx.doi.org/10.1353/crc.2014.0041>.

VILLELA-PETIT, M. da P. Platão e a poesia na República. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 44, n. 107, p. 51-71, jun. 2003.

WILKINS, Ernest Hatch. *Studies in the Life and Works of Petrarch*. Cambridge, Mass.: The Mediaeval Academy of America, 1955.

WITT, Ronald G. The De Tyranno and Coluccio Salutati's view of politics and Roman history. *Nuova Rivista Storica*, v. 53, p. 434-474, 1969. Roma.